

CIRCUNSTÂNCIA, UM CONTO A SARAMAGO

Matou-se. Mas não já, assim sem mais, por que vai alguém matar-se desta maneira, teríamos já a história contada: matou-se, e o que mais, mais nada, tudo se acaba aí e ninguém haveria de dar crédito a conto de uma só palavra, verbo flexionado, no caso, ou reflexionado, se isto é falar com mais rigor. Recomeçemos: Acordou. Assim está melhor, acorda-se e pronto, nem é necessário explicar motivos, uma pessoa acorda porque antes dormia, é o mais certo, todos entendem, quem já não dormiu e acordou sem se perguntar por quê. Caberia pergunta se o caso fosse de dormir, que para isso há motivos, e muitos, aquele que lá dorme sob a marquise, por exemplo, num beco de treva entre dois lumes, dorme porque estava com fome, quem isto não entender vá encontrar-se um belo dia sem casa e sem emprego, que se já era pouco e não dava, agora quem é que vai perdoar-me as contas, perguntaria o homem, se já não dormisse. Este dorme. Mas acordou. O movimento é involuntário como um olhar de horas. Concentrado nas últimas imagens do sonho, ensaia seu desadormecer. Sísifo levanta a pedra. Imagens vestem-se de sensações, tornam a despir-se e ele retorna ao sono, abstrato em si mesmo, reconstruindo no sonho o material das horas roubadas ao dia. O teto perdendo o sentido de sua silenciosa imobilidade desaba sobre ele, já em sono profundo, a mobília, imóvel, penetrou no sono. Quinze minutos depois irá acordar, tomar uma arma e atirar na cabeça, seu corpo então não sentirá mais nada.

Mas por enquanto dorme o sono dos justos, se é que era justo, quem poderá dizer do sono de justos ou injustos, senão outro injusto que durma e tenha o sono pesado de pesadelos, talvez aquele que confiscou a casa ao homem que ainda dorme sob a marquise, ou o outro que lhe tirou o emprego. Este dorme o sono dos homens, que se compõe de uma cama, um quarto que nem carece ser seu, melhor se a ninguém pertencesse, depois de uma refeição bem feita. Sono dormido sob a marquise não é dormir de homem. Este dorme o sono que o cansaço lhe deu, antes de acordar e meter uma bala à cabeça, nada acontecerá.

Esperemos um pouco, que um homem tem que dormir e convém respeitar o sono alheio, mormente se é sonâmbulo, ou se está a sonhar com certa dama, noutra vida que só em sonho lhe calha. Veja, nem precisamos despertá-lo, passaram os minutos, em literatura o tempo é a vontade do escritor, e já move as pálpebras, quer se libertar, abrir os olhos, tomar a posição vertical, ativar os sentidos para a vida, só porque o caso é este, já pensou se possuísse um sentido a menos, fosse cego, por exemplo, acordaria ele e os olhos continuariam a dormir. Mas agora acordou, de novo e de todo, e este é o momento mais precioso do dia, não lhe queremos tirar, não o turbemos, pois neste instante estão a lhe passar pela cabeça as impressões que definirão o seu dia, não queremos que levante de pé esquerdo, ou que má lembrança lhe vá porventura passar pela mente agora. Isto, de qualquer modo, dependerá do resto, da situação familiar, das contas, se em dia, se não, paga-se à noite, com a insônia. Este homem despertou porque tinha de despertar, as idéias que lhe passaram na mente mal tiveram tempo de uma devida análise, certas idéias nos acorrem já como decisões, embaralhadas as linhas da lógica, acordamos e dizemos Hoje vou à casa de fulano, ou, mais comum, Hoje não vou trabalhar, ou ainda, Hoje eu mato cicrano, acontece, é comum um diabo vir esperar-nos à cabeceira da cama. Acordou e uma idéia apossou-se dele como se apossa de um homem uma doença e não o larga até que um deles tenha fim, neste caso o homem.

A segunda ação, após abrir os olhos, logicamente, seria levantar da cama e o faríamos sem pressa, pausadamente, primeiro um pé, o direito, depois o outro, e então o tronco se ergueria sob o impulso dos braços, ou o contrário, que contorcionismos não nos inspiram tanto a esta hora do dia. Mais diretamente ainda, sem tanto cuidado, poderíamos dizer simplesmente Levantou, e pronto, o homem estaria de pé. Mas este não, este não pode se levantar e tarda na cama, é vontade de toda gente fazer isso, sim, a nossa também, mas deste não, este não pode. Não é que seja entrevado ou tenha apressado o sono, caso em que acorda e entrevê da janela a noite ainda densa a pesar no quarto, isto já me aconteceu, sim acontece a toda gente, não nos precipitemos, que entre acordar um homem e levantar-se lá se vão muitas indagações, quem é que as não faz um dia. Pois este

homem as fez hoje e está a se perguntar, ainda deitado, Que farei eu. A pergunta poderia vir, como veio, coloquialmente, E agora. É pergunta profunda, não a fez Hamlet tendo nas mãos o crânio de um bobo, embora assim se represente, Ser ou não ser, a pergunta fora feita com um livro em mãos a ver que já aí não estava esgotada a questão em literatura e muito menos depois, que é pedra angular da filosofia, ou será pedra de toque, seja como for, está no meio do caminho de qualquer mortal. Noutras palavras também se diz, Quem sou, de onde vim e para onde vou, três indagações, ou indignações, sintéticas e objetivas, para as quais não há resposta que chegue, muitos morreram antes de Édipo por não terem conseguido responder uma assim. Este homem talvez seja mais um. Ainda na cama a questionar os segredos do universo, de repente uma fisgada nos rins, a bexiga pressionada pede alento e ele, sem pensar em outras coisas, ou em nada, (a pressa é um deus sem memória), levanta-se a correr, nem se lembra se fora o pé direito ou esquerdo o primeiro a tocar no chão, nem nós reparamos, não pensa nas grandes questões agora há pouco enunciadas, só consegue sentir o alívio relaxando seu corpo dos pés à cabeça, num tremor sacudido à vista do líquido jato expelido de suas entranhas. E creio que perde, se agora fizesse aquelas três indagações haveria de ter lampejos de boas respostas. Mas passou, lavou as mãos na toalha e um traque sonoro, dizemos assim para não ofender pudores, lhe escapou no caminho de volta ao quarto. Por onde lhe escapou este traque não poderíamos dizer sem que assim ofendêssemos decididamente os bons e costumeiros modos, observamos apenas porque é outra ocasião que este homem perdera de encontrar excelente resposta à existencial indagação shakespeariana, Ser ou não ser.

De volta ao quarto é dizer de volta à dúvida, se volta a dormir, se é que pode, que a hora é adiantada, e a casa, e as contas, como ficam. Este homem não tem com que se preocupar, por isso mesmo se preocupa, Não possuir nada que nos prenda de fora, uma estampa com que ostentar à camisa e poder chamar de nossa, Nossa empresa lhe dará a assistência necessária, não há que se preocupar, tenha um bom dia. Bom esse dizer, nossa empresa, e os lucros de quem são, ao menos era alguma coisa, ou ter uma carga, quilos dela para

descarregar de um lugar a outro, Por que aqui, por que não lá, Porque o patrão mandou e cale a boca, ao menos era algo a se fazer, algo com que ocupar o tempo, principalmente com que pagar as contas, não ter que toda hora inventar um conto, ou ponto, linha pra guiar a vida, trave para se ver nos olhos do próximo. Tudo isso nos passa à cachola ainda nem bem acordamos e a vontade é voltar a dormir, esquecer que a vida é assim ou infelizmente não. Mas, e a casa, e as contas, e a hora. A hora, esta passa sem cuidados, as contas é que se não de ver. Esta é uma casa alugada, há aí alguns dias até que venha a senhoria de papel na mão, é situação corrente hoje em dia, e poder-se-ia dizer desde sempre, quem é que possui uma casa. Pois sim, as contas ficaram de ver, que o homem se matou e agora quem paga o prejuízo, Calma minha senhora, não temos culpa de ser alguém infeliz, este homem apenas não tinha que fazer, pegou uma arma e adeus, até um dia, quem sabe, se existe o inferno, poderá a senhora lá acertar as contas do que lhe deve.

A vontade era dormir, mas o sono não veio, nem ele se deitou à espera de, esta idéia na cabeça antecipando o vazio que o projétil irá deixar, idéia que era já uma representação da morte percorrendo em seu cérebro o trajeto que a bala percorrerá dentro de instantes quando o movimento físico, exterior, da ação anônima do revólver distender seu braço até a última prateleira fazendo a mão tatear no escuro a superfície alongada do cano, os dedos percorrendo a dureza gélida do silencioso tambor. De arma agora em punho, sente nas mãos o peso do mundo e ergue-o até a têmpora, nem é necessário mirar, cada um sabe onde têm a cabeça, destrava a arma, mas antes, por uma ironia que não vamos nós querer explicar aqui, o momento é delicado, largará a arma para abrir a janela com as duas mãos, pois são duas as folhas da vidraça, julgamos que abandonará a idéia, que era só a ver como se estava com uma arma nas mãos, mas ele torna a pegá-la e atira, ouve um estampido na orelha, e depois mais nada. Em *fast forward* veríamos uma amostra da ação vista de fora, de onde a desgraça dos outros sempre passa mais rápido, Já foi, nossa, eu nem vi, volta a cena, por favor, tanto mais fosse isto aqui Hollywood, agora deposita a arma sobre a cabeceira da cama e o diabo a segura entre as mãos, agora abre a janela com estrondo; agora um

tiro. Só isto, nada mais que isto, e aqui nos viria reclamar a menina que assistia concentrada, e estava que a indicação era boa, com um saco de pipocas na mão, Que maçada este filme, onde está a ação. Há que desculpar, senhorita, não somos diretores nem roteiristas, isto de criar ação só com palavras é ofício laborioso, desculpe-nos, ademais aqui está somente o trailer, a cena real ainda não aconteceu, este tiro não saiu, por enquanto aguarda num dos caixilhos do tambor e espera disparo, o escarro de fogo que apagará a vida de um homem. Mas se insiste que a senhorita pagou ingresso, para que contrariar, voltaremos à cena, estamos aqui para isso, em *rewind* ver-se-ia, ou se verá, acertemos também os tempos verbais, a bala entrar-lhe novamente pela cabeça, desta vez ao contrário de onde partiu, meter-se à boca do revólver calando-o, os olhos se abrirão novamente, falamos aqui dos olhos do homem, pois que a arma os não possui nem para mirar os olhos de quem vai matar, se os tivesse não atiraria, mas não vale a pena adiantar, nem atrasar tanto a história, sigamos conforme a vida segue.

Tem a vida, a propósito, dessas coisas, dessas e doutras tantas, amiúde desejamos algo, queremos-lo certo e se nos dá o inverso, a vontade súbito muda de rumo, acaba por tomar outra coisa ou nada fazer, o entusiasmo desaparece e quedamos parados na inércia, sem saber aonde ir ou a quê, assim acorda aquele debaixo da marquise, está agora a olhar os carros, levantou-se para fazer qualquer coisa, disposto a trabalhar, acertar os pontos com a vida, é levantar e onde, de repente passou a vontade, uma boca se abre em seu estômago e começa a gemer, ou uma tontura lhe amolece as pernas, arrepiam o ventre, e agora como aliviar-se, é achar um canto onde ninguém veja, que canto, se a rua é pública e há gente que passa por todos os lados, e então esta vontade mesmo passa e estamos, Que iria eu fazer, e depois o corpo atira-se ao comprido na calçada. Foi assim que este homem atirou-se na cama antes de atirar à cabeça, já não queria dormir, mas mudou de idéia, um homem tem este direito, e quem terá forças para lutar contra o sono, deste modo perdeu o ciclope o único olho que tinha, assim o capitão Gulliver fora aprisionado por liliputianos. Cá estamos nós a olhar para cima, nós não, que é modo de intercalar vozes na narrativa e há quem

o faça melhor, eram os olhos deste homem que tateavam o teto, as pálpebras semicerradas num torpor de coisa inconclusa, e o sono não vinha. A pedra de Sísifo rola montanha abaixo. O teto imóvel, suspenso na queda. Volta-lhe Hamlet, insinuando-se nas margens do sono. O Pensador leva o queixo até o punho fechado, tencionado na modelagem, Que pensará ele, busca, talvez, compreender a divina tragédia humana. O teto, enraizado na planta do edifício, desabrocha a flor branca de sua arquitetura. Abstraindo-se pouco a pouco numa sucessão de pensamentos desconexos entre a dispersão e o despertar, súbito lembra-se. Volta-lhe a idéia que vagara em sua mente desde o primeiro despertar, e não eram grandes questões, posturas estóicas, heróicos decassílabos, era coisa modesta, assim como uma bala à cabeça, a cama traga todo o seu corpo, fechado nos dentes de lã do edredom. Que pensará ele, perguntamos por educação, a rigor a nós não interessa o que pensa um homem em sua cama, isto fica melhor nos amantes a fim de conhecerem o que pensam um do outro. Mas, pensando nós agora, temos sim direito de saber o que este homem pensa, posto que ele está metido num conto e nós metidos a lê-lo. Alto lá, que tem ele uma personalidade introspectiva e sua boca é de poucas palavras, não nos dirá coisa alguma. Valeria mais se soubéssemos o que pensa aquele outro, estirado na calçada sob a marquise até que a guarda o venha tirar dali a preço de ameaças, Levanta, vagabundo, e aqui não torna, chamar um homem de vagabundo sem saber seu nome, nem sua idade, que trabalhava, tenho aqui os papéis, o senhor faz o favor de ver, fui demitido por ninharias, Cala-te e some daqui. O que pensa aquele homem não terá oportunidade de dizer, porém é fácil descobrir, diga tu, o que pensas quando tens fome.

Sejamos rigorosos na descrição para que não digam que aqui faltou saber e esmero, não fora apenas a bala entrando, rasgando, triturando, atravessando cabeça e miolos até encontrar maior resistência, carece de melhor método, há minúcias sem as quais à autópsia faltariam fiador e crédito, principalmente a esta menina a comer pipoca, de olhos atentos na tela, satisfaçamo-la mostrando agora em *slow motion* o trajeto da bala após a explosão da pólvora, primeiro dilacerando, conforme a ordem, pele e músculo, este chamado Temporal por ser aí onde

primeiro os cabelos embranquecem, fratura depois o osso que na região constitui uma fossa, também denominada Temporal, atravessa as meninges, dura-máter, aracnóide e pia-máter, mãe amantíssima que não foste capaz de salvar este teu filho, até atingir o encéfalo ou cérebro, propriamente dito, e os vários lobos, uma matilha inteira a despedaçar-se. O mesmo trajeto faz do outro lado da cabeça, mas desta vez em ordem inversa, assim o vimos medialmente, até cravar-se à parede e lá permanecer. Haveríamos por bem fazer o inventário da restante estrutura encefálica, veias, artérias e nervos estragados, a descrição exata do calibre e poder de fogo desta arma, mas isso só, e muito menos, basta para dizer que morreu um homem. Iríamos um tanto mais longe apenas para falar dos milésimos infinitesimais de segundo que se passaram entre os gases libertos da pólvora e o sopro disperso da vida, onde a história desse tempo que não se conta, e se despreza, e por quê. Nestas ínfimas frações de segundo encontra-se a vida inteira de um homem, muito relato já se ouviu de quem morreu e voltou, se acaso se volta ao lugar de onde não se saiu. Segundo dizem, há sempre a figura de um túnel, a considerar que a morte seja um viaduto, por que não, e diz-se que antes desse túnel e da luz que há no final dele a vida inteira desde a infância se nos passa diante dos olhos, muito relato e alguma verdade haja neles, talvez pouca. Este homem ouvira, antes da morte efetuar-se de todo, um sussurro de sussurros, perdendo a intenção de palavra, esboços de formas que teimavam em não constituir imagem num corredor infinito e branco, pois o túnel que este homem viu era branco e não tinha final. Aí está, somente isso queríamos dizer, talvez a sugerir, modestamente, novo ramo para história, caso a história fosse uma árvore, boa imagem seria esta, ambas a ocultar suas raízes, dizíamos um curto ramo da história, mas sem dúvida interessante, desse tempo que não se sente mas existe, ou o contrário, e o dissemos.

É que uns fazem a história e outros a contam, cá estamos a contar um caso a outrem sucedido, nem era conosco, Sim, estávamos aqui e aqui estamos, por acaso, passando em frente à janela, vimos este homem levar a arma à cabeça e fechar os olhos, talvez ensaiasse já a noite eterna, agora mesmo acabamos de ver seu corpo escorregar para o chão enquanto a vidraça se estilhaça, em quantos

pedaços não sabemos, apenas que há não muito tempo era sílica e vogava no remanso das ondas, De que mar, Não arriscaremos dizer, agora são cacos desalinhados no chão, bom seria se esse chão fosse de mármore, palavra iniciada com mar, embora de etimologia e substância diversas, mas não era, seriam modos de tornar a narrativa mais atraente, esse chão é de madeira, já um pouco apodrecido, carunchado pelas bordas dos tacos, enodado, ainda mais pelo sangue que nele se derramará da cabeça de um homem, mancha de sangue é uma que pespega e não sai, a senhoria o que vai dizer, Entreguei-te a casa limpa, quero-a de volta, mas o homem morreu e não tem quem a limpe, que diríamos se fossem os mortos capazes de voltar à vida para limpar o chorume dos corpos.

Quanto tempo este homem está aqui a se matar e não se acaba a tortura deusdocéu, quantos tiros há de enterrar à cabeça até que se acabe o conto, pergunta impaciente a senhorita, Devagar com o andor que o santo é de barro e não queremos que se quebre antes de chegar à capela, ou ao cemitério, houve um tempo em que tudo era o mesmo, se não sabia. Este homem já morreu, mas agora está vivo uma vez mais, e não será a última neste mundo grande e pequeno em que tantas vezes se morre, novamente está de pé, com a arma na mão e hesita. Ou antes, o tempo se dobra para trás e ele está a dormir, agora acordou, repõe um a um os elementos do dia pelo sono dispersos, reencontrando no teto o sentido sem mira e sem escopo da cinesia do mundo. Quinze minutos de inconsciência. Um ruído se projeta no espaço cheio de nada do silêncio. É o tiro que ainda não saiu, mas ele o ouve em *feedback*. Sentidos ativos, o ruído o acorda e o homem levanta-se novamente da cama, toma do revólver com que se irá matar, matou-se. A cabeceira da cama abriu-se e engoliu a arma, estivemos a falar no pretérito, mas a ação ainda não passou. Se este homem ainda vivo fora, lembrar-se-ia de ter visto o teto se movendo, desfolhando as pétalas de sua brancura, abstraindo a flor concreta de cimento e laje, agora letal escuridão lhe cega os olhos.

Mais certo teria sido descrever toda a ação no pretérito, como toda gente faz, e teríamos mais fluida e linear narrativa, a morte se faria mais viva e alcançaríamos o efeito desejado. Tentemos: por obra autônoma do revólver se

acionou o tríceps e o ancônio, distendendo o braço até a última prateleira, sua mão tateou no escuro a superfície alongada do cano, os extensores radiais tendem o punho, os dedos percorrem a dureza gélida do tambor silencioso. Depositará um tiro em sua cabeça, a janela toda há de vibrar com estrondo, pronto, cá estamos nós a mudar os tempos, confundindo passado, presente e futuro... paciência leitor, o tempo é isto que corre no correr das veias, esta matéria fluida cujo peso se mede nas batidas do coração, a eterna novidade que se apresenta diante dos olhos e por detrás deles seguindo o curso de lembranças passadas e desejos futuros. Perdoa-nos, mas não podemos olhar o passado sem considerar outros tempos que sobre ele recaem, apenas este homem não sente mais a ação dos músculos, nem do tempo. Se vivesse ainda, lembrar-se-ia de ter visto o teto se movendo, e quem sabe nosso olhar seguindo a queda, mas agora letal escuridão lhe cega os olhos, escusa-nos também a apropriação deste verso, já repetido, pertencente a tão grande clássico, talvez não sirva para o momento senão para dizer que a morte é antiga e desde sempre é assunto de literatura, quem não a conhece, bom conselho é conhecer, falamos da Ilíada, não da morte.

Mas este homem é real, se a criação é consistente, ou era, já é morto, tão real quanto o que dormia e acordou, e voltou a dormir sob a marquise em frente, seu corpo cediço desliza lábil até o chão e pára num estrondo oco, sangue, mielina e plasma escapam-lhe pelos buracos, um tanto de cada lado da cabeça, continua a escorrer, o volume é grande, quanto será sua medida, já está perto da porta e passa pelo vão alcançando o vestíbulo, atravessa corredor afora, uma gota se insinua no beiral do primeiro degrau da escada, último para quem sobe, e pinga até o segundo. E se acaso a senhorita tenha ido à toailete, o sangue volta até o primeiro degrau da escada, retorna corredor adentro, desliza debaixo da porta, entra no quarto e se injeta todo para os buracos da cabeça deste homem, ordenadamente nas vias de suas respectivas veias, o corpo torna a estar de pé, a bala desatravessa a cabeça, recompõe-se cérebro, cerebelo e meninges, entra novamente no cano do revólver, e recomeça.

Atirou. Movimento neutro, lógico como os ponteiros de um relógio, girando redundantes, e a morte veio na fatalidade das horas, ou da hora, que cada um tem

a sua e a tema. Não bastou que com ela nos aterrorizassem a vida inteira, há ainda outras mortes além da morte, mas estas ainda não se consumaram. Vem a morte na fatalidade de sua hora, mas não já, tarda um tanto a se consumir, ou transitivo direto apenas, consumir o que ainda resta de vida. Não demorará muito e já estamos a desejar que morra logo este homem, nem sabemos por que, mal o conhecíamos, sequer sabemos seu nome, mais caridade, irmãos, é apenas o tempo de uma vida num milésimo de segundo. Para morrer, é preciso viver de novo, quem não há de saber, não são poucos os relatos de gente que morre e não morre, como Lázaro, volta à vida que tinha após haver visto a vida inteira, desde o primeiro momento, mas estamos a nos repetir. Ao ver aquela situação tão clara e óbvia às primeiras luzes da manhã, aquele corpo tão material e exposto, veio a morte e lhe disse, Vamos ao campo, então cobriu-se de vivo vermelho a grama verde e viçosa do Éden. Qual campo, qual nada, o homem está em seu quarto, o quarto de uma casa alugada com contrato e fiador, seu nome não é Abel, nem sua mãe se chama Eva, este campo é o campo da morte, uma sombra dentro da sombra, campo santo que a todos pertence, única certeza e legado da vida.

Este homem ainda tivera tempo de duvidar. Um quadrante do relógio presenciara seus últimos minutos de vida, a janela aberta expunha-o à cidade, exposta também ela e alheia à imagem que via de fora, um retângulo de vidro, metro e meio de largura por um e pouco, ao centro um homem com uma arma nas mãos. A cidade, mal pôde ele perceber, duvidava de sua dúvida, indiferente aos pensamentos sem alvo que se amontoavam na cabeça para a qual a arma apontava. A cidade, acúmulo de afasias, Leviatã culpado composto de milhares de inocências, ia surda ao longo diálogo íntimo que seguia o rasto de uma idéia na cabeça deste homem, entrando por um lado, saindo pelo outro, cabeça que aos poucos ia se tornando alvo. Se vivesse ainda, este homem se lembraria de ter ouvido um tiro, mas agora letal escuridão lhe cega os olhos, para usar novamente o verso do poeta cego, que aqui é bom ornamento e melhor há de calhar, mas antes, sem olhar para fora, pegou o revólver e atirou na cabeça. Um movimento lógico, exato mecanismo de um relógio, ou de uma cidade. Este cano colado à têmpera teve tempo de tremer, tempo de balbuciar uma dúvida, quase pronúncia,

medo que antecede a qualquer pergunta, lembramo-nos ainda nosso tempo de colégio, as palavras teimam em permanecer na boca, a oração entala na garganta, roçando a laringe, faringe e traquéia, se já não está no esôfago ou se escalda no ácido suco da bÍlis, curioso ter-se dentro algo assim, mas esta palavra, enfim saiu evacuada num grito da boca do revólver, bum!

Matou-se. Agora sim, podemos desta forma iniciar um parágrafo, que a história já foi contada, no entanto vem a menina com o pacote de pipoca nas mãos acorrer, E o que aconteceu, por que ele se matou, que maçada, desta vez nos defendemos, Final já houve e o melhor que se lhe poderia dar, a morte, é assim que tudo se acaba, ou começa, dizem uns, quanto ao motivo, difícil explicar, a senhorita é jovem, escusa saber o que vai por aí afora ou adentro da cabeça de um homem, decisão é decisão, o que está decidido que se cumpra. Mas também o quer a senhoria saber, e o policial e o legista que foram retirar o corpo e a importunam, talvez suspeitem de assassinato, descartadas consabidas hipóteses de desilusão amorosa (este homem nem tinha mulher), ou dívidas de jogo (também não jogava), mas assassinato está claro que não, estávamos presentes e vimos como se passou, levantou, pegou a arma, pô-la nas mãos do diabo, abriu a janela, tornou novamente a pegar arma e mirou na têmpera, o resto está dito, já demos nosso testemunho, isto são rigores de policiais que não aprenderam outra língua senão a dos ursos. Mas agora que falamos, não é vergonha confessar, dá-nos também vontade de saber por que diabos este homem se matou, Como não sabemos, Ora, não é por contar uma história que temos obrigação de saber tudo, só o pai celestial terá olhos para tanto, se os tiver. Nós apenas contamos o que vimos diante do juiz, segundo juramento que nos fizeram jurar, somente a verdade, nada mais que a verdade. Acusem-nos de insensíveis, que não temos criatividade para contar uma história e torná-la aprazível para serões, será que ainda existem, quem sabe uma tarde na praia, estamos a ler uma história para a família, Deus nos livre calhar de ser esta, estariam todos a nos fazer a mesma pergunta, Por que ele se matou, e nós, francamente, não saberíamos que responder e devolveríamos a pergunta.

Podeis dizer qual a bitola da vida, senhores, aquele homem da marquise há de suportar até o último suspiro de fome, suspiro indigente até à hora da morte, pudera ser outro o suspiro, o que é feito de açúcar e claras de ovos batidas, reserve e leve ao forno em fogo brando e olhe lá o ponto, não deixe queimar, mas deixe estar, não conhece ele estas gulodices, é um cão sem dono, sempre foi, ora, vida feita de ganir não quer outro fim. Já este aqui meterá uma bala no peito, é modo de dizer, o endereço da bala será a cabeça, já se sabe, arrebrandando a pele, partindo como um raio o Temporal até à *mater* piedosa das lamentações, perfurará o outro lado do crânio chegando à parede que a irá deter. Poderia ter matado outro mais que ali estivesse neste solitário quarto de pensão, economizando o preço da bala, que hoje em dia. Fosse esta bala outro doce, feito também de açúcar, poderia quem sabe alimentar a fome do cão sob a marquise, mas vá lá homem feito manter-se de pé à custa de doces, não, não sobrou tempo e pachorra a este homem convidar alguém com quem compartilhar a morte, momento íntimo, em verdade, intransferível dos viventes. Quem julga que brincamos, enganado vai, o ocorrido é grave, podia mesmo haver sobrado cá para nós, que aqui estamos indiscretos a olhar, Quem mandou, curiosos, é bem feito. Então era nossa a morte que andariam a questionar outros curiosos, Quem era, quantos anos, foi morte morrida ou matada, por quê.

E bem poderia não sermos nós as únicas testemunhas. Lembramo-nos que a arma foi depositada na cabeceira da cama antes de ser positivamente disparada. Equilibrou-se por alguns segundos, o tempo deste homem abrir as janelas e olhar para fora sem se importar com nada específico, talvez o vôo de um pássaro rasgando rasteiro o tapume das casas ao fundo, o tempo que se demorou a cumprir seu dever, pois que por isso o pusemos aqui, para morrer e até agora é um morre-não-morre que dá até aflição, equilibrou-se, pois, esta arma durante alguns instantes no espaldar da cama, ou cabeceira, não sei como se diz, composta de dois bastiões unidos por uma voluta entalhada, é uma cama antiga, herança materna já por sua vez herdada, e assim há quatro gerações, não a ponto de tratar-se de antiguidade, agora está mais para velharia e o seu dono não a utilizará novamente, nem em legado há de transmiti-la. Poderia fazê-lo, a

propósito, se tivesse bom coração, e não digo que o não tivesse, agora só não bate, bem poderia deixá-la ao homem que dormia sob a marquise e já não está, saiu e não o vimos, nem é nosso costume reparar nesta gente, perde-mo-lo, Adeus irmão, talvez para sempre, talvez não, que a sua casa é a rua, insiste em andarilhar por aí afora, fazer-se visto aos quatro cantos, encontraremos-lo em breve, senão sob esta mesma marquise, por que teria ele predileção por esta, em outro qualquer vão ou desvão de rua, a dormir numa cama de papelões, preferível que se servisse desta, que agora importuna a senhoria, e a senhoria não sabe que fazer de móvel tão estragado, ainda mais se tem um diabo deitado nela.

Mas esta cama, veja bem minha senhora, é um móvel bonito, destas não se fabricam mais, os bastiões de madeira de lei com seus dois flancos são uma fortaleza, uma fortificação de guerra, há décadas legiões de cupins a tentam desbaratar e não conseguem, avançam aos milhares em cruzada, com aríetes e formações, e não há modo de derrubá-la. Eis que um estava na espalda, posto avançado e privilegiado para artilharia de bocas e dentes, eis que lá estava um cupim sentinela a vigiar, quando vê um enorme canhão inimigo, a bocarra aberta pronto a disparar, não sabe ele que fazer, não há tempo para avisar o resto do exército, sobe rapidamente sobre o canhão, é maneira fácil de fugir ao disparo, mas não se pense que era covarde, não, a ação foi heróica, seu objetivo era atacar sozinho o adversário e impedir a ordem de fogo. Justo neste momento sublime de grandeza, o canhão eleva-se ao ar, toda a peça de artilharia ascende aos céus suspensa talvez nas mãos de Deus, julgará ele estar sonhando, para o diminuto isóptero era o mesmo que uma cidade se demovesse do chão e alçasse vôo. Subitamente o canhão volante pára no ar e o cupim se põe a mirar a têmpera de um gigante. Um estalo na culatra e um tremor agita o cano, Meu deus, será o nosso fim, acredita que este é o juízo, que o planeta como um todo fora arrancado da órbita para o grande julgamento final, salvo não tenham os cupins religião, só faltava crerem eles também em juízos e vidas póstumas, estas coisas só servem a nós que a tudo temos de achar meios de justificar, e por isso tão frequentemente erramos. Mas então o mundo começou a desabar, as mãos de Deus condenaram este cupim à danação eterna e o estão a lançar em queda livre para as regiões

infernais. Antes, porém, de chegar a arma ao chão, um pára-quadras se abre e o deposita suavemente sobre os tacos carunchados, agora será com os coleópteros a guerra deste cupim sentinela que acabou de ver, de camarote, a morte de um homem. Dissemos ou não que não somos as únicas testemunhas desta morte, quem quiser pergunte ao cupim por que diabos este homem se matou.

Mas o homem acordou, não este, já agora cercado pelos vizinhos que arrombaram a porta a ver de onde partira o tiro que ouviram há pouco, Foi dali, do andar de cima, deus-nossa-senhora, chama a senhoria, arrombaram, pois, a porta desta casa, nem os mortos, muito menos eles, têm privacidade neste mundo, e já perguntam, Foi suicídio, claro está, um homem banhado em sangue com uma arma na mão, um buraco na cabeça, não há que se ver, outro ainda dirá, Eu bem sabia que esta história iria acabar mal, um homem sozinho, trancado em casa, sem trabalho só poderia acabar assim, sempre há alguém que conhece de antemão o fim da história e diz, Este filme eu já vi, saberá ele como há de o mundo se acabar. Dizíamos que o homem que dormia sob a marquise acordou, talvez com o barulho do tiro, e agora já lá não está, Onde terá ido, pergunta a senhorita com o pacote de pipocas vazio sobre o colo. Voltará a casa com esta dúvida, mas há de esquecê-la, como tudo, também nós a esqueceremos em meio a tantas outras dúvidas, o dia já vai alto, um homem se matou em seu quarto, Coitado, mas outros vivem e aqui passeiam pela praça, vão a trabalho, ou à procura dele, numa esquina próxima um homem estenderá a mão, Um trocado, por favor, hoje ainda não comi, é o homem da marquise. Ó circunstâncias da vida.